

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO II, Nº142 - ABRIL - PORTO VELHO, 2004
VOLUME IX

ISSN 1517-5421

EDITOR
NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História - UFRO
CLODOMIR S. DE MORAIS - Sociologia - IATTERMUND
ARTUR MORETTI - Física - UFRO
CELSO FERRAREZI - Letras - UFRO
HEINZ DIETER HEIDEMANN - Geografia - USP
JOSÉ C. SEBE BOM MEIHY - História - USP
MARIO COZZUOL - Biologia - UFRO
MIGUEL NENEVÉ - Letras - UFRO
ROMUALDO DIAS - Educação - UNICAMP
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia - UFSC

Os textos no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

142



FLÁVIO DUTKA

ENSAIO DE EGO-HISTÓRIA - 3

Alberto Lins Caldas



ARQUIVO PÚBLICO

Quando em 1988 passei a fazer parte da equipe do Arquivo público do Estado de Pernambuco como Chefe da Divisão de Arquivos Permanentes, já o conhecia. Nele havia feito várias pesquisas documentais, tanto para disciplinas quanto por conta própria. No período anterior o Arquivo foi o lugar do exercício do historiador, meu campo de provas, como na Arqueologia havia sido o semi-árido. Ali se desenvolveu tanto a prática e as técnicas de pesquisa na duríssima busca por documentos quanto a intuição, a descoberta, a iluminação tanto da escrita como elemento fundidor quanto da "imaginação criativa" como instrumento fundamental.

Passei a ver e a sentir o quanto o "levantamento bibliográfico" é ação inespecífica, isto é, atividade que leva ao assunto, ao tema, ao desejo e, ao mesmo tempo, acompanha a produção geral da pesquisa, fazendo parte da sedução e não das obrigações ou das regras. Seu lugar não é nem poderia ser definido. Faz parte do desejo de configurar uma outra "realidade".

Que a pesquisa é, inicialmente, um procurar, um produzir, um preparar, um reunir a documentação num processo de "viver o assunto", encontrar o desejado, vivendo o risco do encontro, do fragmento e das perdas, mas a história não é encontrada, ela será produzida, escrita, inscrita: sua dimensão de existência é um a priori. Esta condição de existência é o primeiro princípio epistemológico: o historiador não pode "esquecer" nem seu papel nem o "produto" como resultado do seu trabalho.

Que a organização da documentação é fundamental (por pessoa, instituição, época, assunto, região, etc): sem esse ordenamento constitutivo toda a pesquisa desmoronava, mas que essa ordem é documental, instrumental, não "ontológica". Essa ordem se diluirá nas ordens impostas por nós.

Que ler e reler exaustivamente a documentação como um todo, selecionando os documentos que irão fazer parte do corpus - já exige uma visão de conjunto, uma pré-ideação e uma idéia de história, de texto final. E o meu Lukács com sua pré-ideação e Hegel com a construção do conceito nessas horas me salvavam (precisamos sempre dessas "boias"). Sem "visão de mundo" não se escreve a história: ela nascerá dessa "visão" em atuação.

Que é preciso Cozinhar os documentos (eles não são comidas crus: são transformados em notas, fichas, resenhas, comentários, artigos, fragmentos, imagens): intimidade progressiva e julgamento dos documentos: articulações e desarticulações. E para isso Armando Souto Maior foi de uma ajuda sem igual. Ele foi o "mestre cuca" que me encaminhou no labirinto da "cozinha do historiador".

Que a "receita" é somente um indicativo, uma forma de apontar o "espírito": para se fazer o prato é preciso mais que normas: a formação humanista, a experiência, o trato com os materiais, a escolha dos condimentos, das especiarias, depende em grande parte não somente de experiências anteriores mas de uma atuação consciente, gulosa e múltipla: sem isso o "texto da história" será inssoso, provinciano, se "segundo grau".

Que a crítica das fontes (sempre exigindo leituras mais vastas porque a História é um domínio múltiplo) clama a famosa e um pouco esquecida crítica externa (de autenticidade), verificando o valor extrínseco do documento. Esta perícia material do documento me agradava por se parecer com o trabalho conduzido pelo professor Marcus Albuquerque em campo e, principalmente, nos meus quase quatro meses no Forte do Brum, com a Arqueologia Colonial. Tentar saber como o documento foi produzido; quem o redigiu; em que momento foi redigido; para qual destinatário; sob que forma se apresentava; como chegou até os que o detêm; qual discurso elabora; questões de letra, suportes, escrita (logo eu que havia sido um aluno atento do longo ano de Paleografia); levado para a salutar crítica interna: a Hermenêutica que sempre me atraiu buscando saber as intenções de fundo do documento, seus artifícios, seus signos, seus significados, suas “afinidades eletivas”.

Que procedimentos críticos utilizar? a) análise do documento: atomização de seus elementos (avaliação psicológica, social, econômica, institucional dos elementos do documento); b) controle das fontes do documento (se observado pelo narrador ou se contado a ele por outro): foco narrativo; c) comparação dos documentos e dos elementos internos: – e estou escutando novamente meu velho professor, no centro da sala de pesquisa, à tarde, sem os outros alunos e em meio aos códices, recomendando, apontando, refletindo, exemplificando.

Que não podemos ficar restritos ao ofício do historiador tradicional, mas trazer à sua oficina, ao seu atelier, à sua fábrica, a Antropologia, a Sociologia, a Economia, a Política, a Psicologia, a Teoria Literária, a Linguística, a Análise do Discurso, a Filosofia, a Filologia, as experiências pessoais: refundar a atuação do historiador no sem fim dos sabores.

Que o historiador é prisioneiro dos quadros teóricos de referência, da sua classe e das classes sociais, das posições políticas, dos discursos envolvidos, dos métodos escolhidos: um dos movimentos teóricos será sempre tomar consciência dessas “referências” e não projeta-las inocentemente sobre a escrita, como se fizessem parte da “realidade histórica”, fazendo de anacronismos dados que se formatam em fatos.

Que devemos, incessantemente e com “método”, comparar, reagrupar, afastar, extrapolar, selecionar, solicitar, torcer a documentação em busca de respostas às perguntas e questionamentos: a “natureza discursiva” dos documentos exige um mergulho “linguístico”, não a espera por um “encontro”: ali nada existe: ali é o lugar da nossa criação.

Que é preciso construir um “modelo”, uma “idéia”, uma “imagem” do conjunto documental (história, trama, narrativa): primeiro passo da escrita: constituir uma visão de conjunto provisória, pois será modificada, recriada pela escrita: isso advirá das leituras e da feitura das fichas, notas, textos.

Que as notas, os resumos, as fichas, as resenhas iniciam a escrita buscando realizar a “visão de conjunto” passo a passo, como se escrevesse um texto literário (um conto, uma novela, um romance: história é ficção: perder essa dimensão é meio caminho andado para uma ideologia deslavada), compondo os personagens em seus lugares, escrevendo sua psicologia, seus embates, suas idéias, suas razões, suas ações, suas relações, criando o ambiente, o lugar, o espaço de vida onde se desenrolará a história.

Que com-pondo as vozes enquanto carne, a escrita da História materializa teatralmente numa simbiose onde as vozes compostas e as vozes do historiador se articulam inseparáveis, onde o tempo presente se desdobra, floca, se abre nos seus infinitos recursos, nas suas inumeráveis formas de existência. Mas sem esquecer que antes da nossa voz deve se dar prioridade ao “outro”.

Que ali articulamos o desarticulado, separamos o unido, perguntamos ao informe, movemos o imóvel, imaginamos nos vazios, questionamos os silêncios, revivemos os mortos, damos corpo e movimento aos vestígios, dizemos sempre mais e sempre muito menos que o vivido, que não é acontecimento, não é fato: o vivido é somente o viver: fato é ponto de chegada historiográfico.

Que o “método geral”, tanto da feitura de notas e fichas quanto da escrita do texto, é um ir e vir constantes: das perguntas ao documento e do documento às perguntas: dos documentos à escrita e da escrita aos documentos.

Que o *vivendo* (o imediato do presente) desaparece na medida do seu acontecer, sendo impossível apreendê-lo tanto em sua totalidade quanto em suas relações; o viver deixa *vestígios* (documentos), mas esses *vestígios* só se tornam documentos depois de raptados, raspados, escolhidos, estruturados por discursos e instituições que lhe dão não somente visibilidade (não existem vestígios-em-si) mas sentido e razão; o historiador (com todas as questões do *sujeito*) irá transformar os vestígios em documentos para a História, isto é, lhe dará uma dimensão dentro do conhecimento, trabalhando para constituir sua existência estruturada e significativa; o resultado desse trabalho, dessa escrita que é a História (atividade que produz a *história*) é chamada *fato* (que a “história de segundo grau” acredita ser-o-que-aconteceu). A *História* produz a *história*: dimensões fundamentais: escrita e ideologia.

Que a *história* migra para a *História*, e esta deve enfrentar sua *produção*, as ilusões decorrentes dessa produção e os *poderes* advindos dessa construção enquanto ideologia (idéia, sistema de idéias que se pretende dizer-o-real, serem o próprio real).

Mas esse período de estudo passou e precisava enfrentar um Arquivo Público enquanto aquele que o fará funcionar. A experiência de historiador é insuficiente para dar conta desta nova missão. E me pus a ler e estudar sobre Arquivologia. Sobre minha responsabilidade estavam o “Setor de Documentos Escritos”, o “Setor de Documentos Impressos”, o “Setor de Mapas e Iconografia” e o “Setor de Arquivos Intermediários”: foram anos preciosos, mas que o tempo envelhece e torna grande parte do conhecido “algo do passado”. Com a computação e as novas metodologias, a minha arquivologia tornou-se clássica. Mas a experiência com arquivos não envelhece, ela ainda é não somente uma das principais fontes do historiador como faz parte da aura que não pode se perder.

NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

O período em que vivi no Recife se esgotou no começo da década de 90, seja pelo enrijecimento do mundo universitário (sem vislumbre de criação), seja pela violência da cidade (minha casa foi assaltada e levaram tudo, menos os livros), seja por seu inescapável provincianismo (para lá tudo converge e nada iradia), seja pelo muito da luta e o pouco resultado (a mesma mediocridade raivosa e silenciadora que começa a me afastar de Porto Velho): era preciso novos cenários,

novos desafios, outro horizonte, outra articulação vital. Trabalhava no Arquivo Público do Estado (Chefe da Divisão de Arquivos Permanentes), ensinava numa Faculdade de Formação de Professores, escrevia em jornais, publicava, havia escrito o livro que seria publicado somente muitos anos depois (Babel, Revan, Rio de Janeiro, 2001), mas alguma coisa exigia descanso e paz, tempo e outras relações, fora das metrópoles para se desenvolver: uma outra *episteme*, uma outra *realidade*. Os concursos em Universidades nordestinas ou no sul do país me fariam, naquele momento e por muitos anos ainda, continuar no mesmo rumo, na verdade no mesmo lugar, com os mesmos hábitos e vícios, na mesma cartografia, no mesmo "momento da verdade". Escolhi, dentro as opções (havia imediatamente um concurso na Cidade da Paraíba [como me ensinou Ariano: jamais João Pessoa!]), ir para Rondônia, - e estava certo.

Os últimos dez anos foram fundamentais. Consegui desenvolver não somente o que procurava desesperadamente consolidar, minha literatura, mas uma visão de mundo que me servisse tanto para ela quanto para minha vida acadêmica, tudo isso na mais completa paz intelectual, se é que isso é possível. Um lugar para constituir uma visão de mundo a partir da literatura e que, ao mesmo tempo, voltasse como fundamento da literatura (talvez a lição de Proust e Joyce). Um exílio essencial.

Na Universidade Federal de Rondônia pude, nos primeiros anos, me dedicar exclusivamente a duas *matérias*: uma, a literatura e, a outra, o trabalho teórico que iniciei nos Centros de Pesquisa que coordenei (Centro do Imaginário Social) e no que fundei (Centro de Hermenêutica do Presente).

No primeiro Centro (Centro do Imaginário Social) se criou aquilo que seria o "começo" (a escolha) da Universidade, já que sua origem (o inescapável e não escolhido) se deu dez anos antes, vinda do Estado, uma típica "origem", onde se arrebanhou o que havia de mais capacho no "segundo grau". Ainda hoje dois terços dos professores ainda fazem parte desse chorume ditatorial e burro, enquanto um terço normalmente vive envenenado e com medo. O "começo" é o movimento de estruturação da pesquisa, da escrita e da oposição a uma "universidade administrativa". Onde um pequeno grupo de professores foi criando o que se teria objetivamente como a Universidade. Havia uma minúscula sala no prédio da cidade (sala 18) que era um local reservado para alguns professores estudarem e escreverem, num computador, suas dissertações. Esta salinha se transformou, por idéia minha e contra muitos medos (sentimento muito comum nestas paragens), no que era, somente no papel, no "Centro de Estudos do Imaginário Social", que, para nós, jamais funcionou como "estudos do imaginário", sendo muito mais uma "oportunidade" institucionalizada, o que nos destruiria poucos anos depois por uma mistura entre ganância grupal e sabedoria política da reitoria. Faziam parte central deste grupo os professores Josué da Costa, Dorisvalder Dias Nunes, José Januário do Amaral (do Laboratório de Geografia Humana); Sandra Hahn (do Departamento de Letras); Nilson Santos (do Departamento de Educação); Fabíola Lins Caldas e Maria das Graças Nascimento e, depois, Arneide Bandeira Cemin, Miguel Sant'Anna, Antônio Cláudio Rabello, Sérgio Rivero, Valdir Aparecido.

Em torno deste grupo estavam por várias razões professores, alunos, amigos tanto da UFRO como de outras universidades (publicaram artigos, conversavam, discutiam, discordavam) como Ene Glória da Silveira, Ari Ott, Cláudio Dutra, Miguel Nenevé, Mario Alberto Cozzuol, Regina Sader, Rubens Tavares, Luiz Alberto Dalbone, Marcos Albuquerque, Everaldo Quilice Gonzáles, Antônio Sena Filho, Ibaldeci Ferreira, Marcos Cortes Costa, Maria Madalena Ferreira, Elisabete

Christofoletti, Alejandro Bedotti, Sandra Kelly de Araújo, Walder Nunes, Maria de Fátima Rodrigues, Silvio Sanches Gamboa, Nidia Nacib Pontuschka, Clodomir Morais, Grace Macedo, Adriana Nunes, Ivete de Aquino Freire. O grupo central com as revistas "Boletim" (que depois se transformaria em "Presença") e "Caderno de Criação" (1994), com uma atuação acadêmica ampla, deram o eixo ainda não compreendido da universidade que se foi construindo e que ainda se constrói. Este grupo, sempre publicando tanto artigos quanto livros, sempre com projetos, criaram aos poucos uma mentalidade que se articulou com outros segmentos que possibilitaram a Universidade Federal de Rondônia ambicionar uma direção diferente daquela cimentada em sua "origem".

Ali criei a revista Caderno de Criação, onde pude planejar e realizar um trabalho não somente de publicação pessoal mas canalizar os textos de colegas tanto da região quanto de outras universidades (hoje mais da metade dos artigos).

O movimento do Caderno de Criação, inicialmente uma publicação indexada mas voltada para os cursos de Ciências Humanas da própria Universidade (era distribuído entre alunos e professores), foi aos poucos se tornando uma publicação mais ambiciosa, não somente graficamente como sua distribuição, gratuita, para centenas de assinantes, autores e leitores que continuaram fiéis. Nela ensaiei os textos que comporiam meus livros futuros, tendo na sala de aula a necessária contribuição à modificação no constante diálogo que tal atividade atrai.

Essa atividade voltada para o aluno de graduação foi substituída por outra revista ("Primeira Versão", editada pelo professor Nilson Santos). Nela exercito os textos em primeira mão. O meu último livro, "Litera Mundi: Contrapontos sobre Literatura" (EDUFRO, Porto Velho, 2002), saiu praticamente todo em números da revista e foram discutidos em sala de aula durante mais de um ano (disciplina "História e Literatura"). Para mim as revistas sempre foram meu campo de teste, meu rascunho privilegiado. Apesar do silêncio avassalador da "comunidade" tem servido de diálogo entre mim e minhas objetivações.

O segundo Centro de Pesquisa (Centro de Hermenêutica do Presente – CENHPRE) funciona desde 1996. É constituído por professores, estudantes de graduação e pós-graduação da Universidade na área de Ciências Humanas e pesquisadores associados de outras universidades.

As atividades desenvolvidas têm como referência a Hermenêutica do Presente desenvolvida desde 1993. Os vínculos entre a perspectiva teórica da Hermenêutica do Presente e a prática de pesquisa tem sido concretizada a partir da História Oral que tem como teórico principal José Carlos Sebe Bom Meihy.

Além das atividades de Pesquisa voltadas para os Projetos de Monografia, dissertações e teses de pesquisadores e membros do CENHPRE, realiza colóquios e cursos sobre temas que inquietam e instigam; promove reuniões periódicas de estudo e discussões bibliográficas sobre temas relacionados aos interesses teóricos do Centro.

O CENHPRE possui também um setor de História Oral que reúne as gravações em fitas Cassete com as entrevistas referente a cada projeto desenvolvido, um acervo bibliográfico específico sobre Amazônia e História Oral e um acervo documental de processos judiciais doados pelo Tribunal de Justiça, que se encontra em processo de arquivamento.

O DOUTORADO

A escolha pela Geografia Humana para o doutorado veio tentar consolidar uma posição que deveria ter sido realizada no mestrado, quando deveria ter diversificado, completando meus estudos com Antropologia ou Sociologia como exige uma formação multidisciplinar requerida pela História. Mas nem no mestrado nem no doutorado consegui escapar da História. Meu doutorado em Geografia Humana foi, na verdade, um complexo Doutorado em História.

As duas disciplinas cursadas na Universidade de São Paulo-USP foram, a primeira, no Departamento de Geografia, "Elementos para uma Abordagem Geográfica do Cotidiano", com uma fundamentação marxista e sociológica a partir da obra de Henri Lefebvre, com as professoras Odette Seabra, Ana Fani e Amélia Damiani, que desenvolveram exemplarmente a disciplina como se fossem não somente geógrafas, mas historiadoras no mais amplo sentido, e com uma visão interdisciplinar que deveria fundamentar a visão dos historiadores em seu métier; e a disciplina "História Oral, Memória e Relações Disciplinares", no Departamento de História, com o professor José Carlos Sebe Bom Meihy, onde articulei a questão do cotidiano e do espaço vindas da primeira disciplina com a idéia de memória, oralidade e documento que seriam de vital importância para minha práxis de campo, reformulando minha visão de História.

As duas disciplinas, voltadas tanto para a questão do cotidiano e do espaço quanto da oralidade e da memória, foram reforçadas por vários cursos, colóquios e palestras basicamente na História. Foram: "Simpósio Internacional Guerra Civil Espanhola"; "A Família no Cangaço"; "Memória, Preservação, História: um Olhar Francês", com Jean-Pierre Halevy; "Iluminismo e Pós-Modernidade", com Robert Darnton; "História Intelectual: O Campo Intelectual Francês do Pós-Guerra aos Dias Atuais", com a professora Helenice Rodrigues da Silva; "Narrativas Biográficas e Autobiográficas", com Alessandro Portelli; "Para Além do Capital", com István Meszáros; "A Ética Católica e o Espírito do Capitalismo", com Michel Löwy; "Filosofia e Loucura: Quem é Nietzsche?", com Alain Badiou; "História da Ciência: Enfoque Epistemológico", com Pablo Mariconda; e o colóquio "A História do Sonho" com os professores Miriam Chnaiderman, Tereza Aline Pereira de Queiroz, Fernando Segolin, José Carlos Sebe Bom Meihy, Maria Helena Toledo Machado, Maria Amélia Dantes.

A passagem de um universo como São Paulo para uma minúscula comunidade na margem direita do rio Madeira, Calama, há duzentos quilômetros de Porto Velho-RO, foi não somente uma aventura real, com peripécias inacreditáveis e convivências humanas inesperadas, mas um deslocamento intelectual.

Enveredei por um caminho que não era tradicional nem em Geografia Humana nem em História. A estrutura formal para dizer esse "antes-não-dito" me levou longe demais, exigindo um labirinto narrativo em vez da chata, pedante e linear estrutura acadêmica. Ao final, o mundo visto, ouvido, tocado e pretendido foi se transformando numa atmosfera barroca, exigindo aprofundamento em teorias que normalmente não fazem parte das oficinas tanto de historiadores quanto de geógrafos ou oralistas.

Meu trabalho na tese (Calama: uma Comunidade no Rio Madeira, USP, São Paulo, 2000) foi um ponto de intersecção entre a História, a Geografia Humana, a Hermenêutica e a História Oral a partir das abordagens de Eliade, Bachelard, Campbell, Barthes Haveloch, Foucault, Olson, Meihy. Essa intersecção só foi possível pela abertura provocada tanto pela dúvida quanto aos objetos tradicionais quanto a todo um conjunto teórico fundado numa visão geral das Ciências Sociais e não

somente de uma disciplina e seus horizontes (a idéia que hoje faço da História). Ao incluir, mesmo a contragosto, um princípio de indeterminação em seu eixo principal, o que nos hoje capacita melhor ao entendimento dos fluxos vivos da sociabilidade, essa perspectiva integral vem se tornando um dos desafios das “disciplinas humanas” e seus limites. Nessa abertura epistemológica, dissolução de *paradigma* e comoção de *episteme*, desenvolvi meu texto.

Um dos aspectos do trabalho foi precisamente tentar um exercício de desnaturalização do “mundo físico” (quando encontramos o mundo na verdade estamos encontrando “visões de mundo”, imaginários, virtualidades, discursos, coisa que Vico, no século XVIII, já sabia), demonstrando não somente que o espaço-lugar é passagem formatada de discursos, como sem esses “discursos textualizados” não teríamos senão um reflexo inconsciente de nossas próprias teorias. Ao mesmo tempo, a textualização das falas e certa maneira de considerá-las questionou a trivialidade das representações supostamente “objetivas e desinteressadas do mundo”, incapazes de dizerem alguma coisa significativa para nossas vidas. Estamos no fluxo vivo das relações sociais, espaço e tempo estão também nos discursos sociais (intuição básica de Agostinho) e não na teia teórica que reflete outras finalidades. Ouvir e desdobrar as falas é multiplicar os encontros com vários espaços e tempos (uma das minhas questões eram as cartografias advinda dos discursos e a consciência de modificações), é tocar a intersecção dos fluxos discursivos e encontrar um certo homem concreto, vivo e polifônico, des-locado, enfim, para um ponto onde nenhum dizer, nenhuma teoria e nenhum procedimento metodológico pode esgotá-lo: deixou de ser objeto para conquistar sua o-posição de sujeito, suas contradições próprias. E nele não há o espaço e o tempo, o econômico e o político, o lingüístico e o narrativo, o histórico e o social: as falas desses sujeitos superam os estreitos limites do conhecimento e se dizem em múltiplos e simultâneos fluxos.

Mas a principal contribuição da tese não foi o “quadro teórico-metodológico”, mas os *textos vivos* dos entrevistados. A estrutura da reflexão acadêmica passa muito depressa e não deixa rastros. Mas as falas textualizadas em colaboração ficam como marcas de um mundo que já vai desaparecendo. Vozes, experiências e visões de mundo que não tiveram outra oportunidade de se dizerem.

Com a tese não pretendi estabelecer um “modelo de interpretação” e leitura (uma História mais Hermenêutica), mas exercitar uma flexibilização que permita ao pesquisador uma melhor compreensão das “falas subalternas” e suas contradições inescapáveis, abrindo perspectivas ainda desprezadas em outras instâncias do conhecimento. Representou, para mim, um diálogo profundo com o presente, com o outro, com o imediato do presente em suas dimensões humanas e políticas ao mesmo tempo em que foi criando a História que hoje entendo como um conhecimento que envolve mais do que a tradicional linha disciplinar, mas um feixe complexo, polifônico e integral.

VITRINE

DIVULGUE:

PRIMEIRA VERSÃO
NA INTERNET

<http://www.unir.br/~primeira/index.html>

Consulte o site e leia os artigos publicados

Uma visita e pronto:

a fera da memória

devora o intruso

e esconde as penas

para que não haja fugas

e lagos para que não haja imagens

e bocas para que não haja palavras

e fios para que não haja retornos

CARLOS MOREIRA